

POLÍTICA

JORNAL DA TARDE

A caminho do fascismo populista

Octávio Thyrso de Andrade

ados contrôles estatais, reservas de mercado e restrições ao trabalho das mais variadas espécies. Na época de 86 o sr. José Sarney falava em manter o déficit orçamentário em torno de meio cento do PIB. Agora o referido déficit ultrapassa 5%. Na maré de desgoverno em que vamos, a ambiente democracia que se tenta manter entre nós poderá morrer de inanição.

Na Bolívia a inflação caiu de 20.000% ao ano em 1985 — isto mesmo 20.000% — para 10% em 1986. O déficit orçamentário boliviano reduziu-se dos horrores 28% do PIB, em 84, a 4% ao final do ano passado. A recessão que prosseguiu após a adoção das primeiras medidas sanadoras — a recessão vinha de muito antes deles — apresenta agora sinais de haver cessado.

E as dívidas?

O barão Louis, que foi ministro das Finanças de Luís XVIII, logo após a queda de Napoleão, tinha uma receita singela para pôr em ordem as contas do Tesouro: "Faites-moi de bonne politique, je vous ferai de bonnes finances". A fórmula é inaplicável em nosso meio porque a boa política não interessa a muitos dos que andam por aí...

"Antes de terminar reconheçamos, lealmente, que não pagar dívidas também pode ter as suas vantagens. Os comunistas soviéticos engoliram as economias de pequenos poupadões europeus — que as haviam emprestado ao Tsar — e só há poucos meses começaram o resgate dos famosos "emprestimos russos". Atentemos, porém, para uma importante circunstância. A fim de proceder tal como a URSS ensina-nos o já citado Jean Dutourd, em seu livro *La Gauche la plus bête du monde* — é absolutamente indispensável ser nitidamente de esquerda.

"...Com certeza foi para ajudar a empurrar o Brasil à sinistra que o filho do presidente Sarney decidiu convidar Fidel Castro e visitar a nossa Constituinte... "Quousque tandem"?

A última nota divulgada pela Comissão Executiva do PMDB a propósito da dívida externa é de uma incongruência patética. Afirma o documento que os pagamentos da dívida ultrapassam em valor o montante em reparações que a Alemanha deveria ter pago aos Aliados após a Primeira Guerra Mundial. Ao misturarem alhos com bugalhos os eminentes cabeças-de-ovelha da Executiva omitem no balanço da dívida a coluna do "Ativo", a qual mostra que os bilhões de dólares sacados por nossas estatais e estatocratas em bancos estrangeiros superam a totalidade dos créditos outorgados pelo Congresso Norte-americano ao Plano Marshall, conforme demonstramos pormenorizadamente em artigo aqui publicado a 8 de março de 1982, há cinco anos, portanto!

Os dirigentes emedebistas não levam em conta Itaipu e demais imensas usinas hidroelétricas, construídas nestes últimos anos, esquecem os satélites e a total remodelação dos meios de comunicação internos e externos do País, os portos, as ferrovias — e a Ferrovia do Aço, hein? —, as estradas de rodagem, o desastoso Programa Nuclear, os diversos empreendimentos da Siderbrás, as compras externas de petróleo e o financiamento para a construção de plataformas de exploração submarina — tudo isso pago com recursos da economia estrangeira. Também faz de conta — o PMDB — não existirem as centenas de milhares de empregos proporcionados aos apadrinhados do governo e à incomensurável clientela de políticos fisiológicos por todas as atividades tornadas possíveis com o dinheiro tomado emprestado lá fora.

A Comissão Executiva do PMDB e o sr. Ulysses Guimarães — que a tem à sua imagem e semelhança — consideram o povo uma súcia de desatentos? Acreditam mesmo que a questão da dívida externa é conduzida "com firmeza" pelo governo? Ou, com a frase, tentou erigir um biombo para ocultar o enferrujamento e a incompetência da administração que instituíram?

Chapéu na Mão

O Brasil não crê na independência e no nacionalismo de um governo que, antes de fazer contas a fim de saber de quanto poderia dispor para saldar a dívida, nervosamente despacha o ministro da Fazenda ao encontro de ministros de Finanças estrangeiros, de chapéu na mão, para implorar a esmola que a Nomenklatura requer a fim de continuar a chafurdar-se

nos déficits e em molezas inexplicáveis ("Não admitiremos recessão" quer dizer "Teremos que prosseguir vivendo acima de nossos meios"). A viagem levianamente empreendida, expôs o ministro brasileiro ao risco de ouvir, por exemplo, perguntas como esta: — "Se vocês ainda pagam os salários dos funcionários do BNH, por que fecharam o Banco? Se o fecharam, por que perpetuam os pagamentos?" Salvou-se o sr. Funaro desta e de outras manifestações de repugnância por nossas mazelas — que não precisavam exibir lá fora — unicamente por causa da implacável boa educação dos visitados.

A micropolítica externa que enfiou o Brasil nas matas e savanas africanas parece ter repercutido, de forma viagem, em outros círculos da administração, a ponto de levá-los a considerar meritório o Brasil conduzir-se nos centros financeiros internacionais tal uma Etiópia ou uma Uganda qualquer. A nota da Executiva do PMDB e certos recentes pronunciamentos de altas autoridades, encharcados de patriotadas pueris, ineptas e ridículas, só servem para comprovar que o Brasil — uma grande nação e um povo empreendedor — não merece ser castigado com a presença dos políticos e do governo que tem. Nos termos périfícos com que a Executiva do PMDB e as autoridades enfocam o problema do endividamento externo, a Nação corre o risco de rolar para a fossa comum onde as "democracias populares" sepultam as liberdades dos povos.

Não subestimemos a capacidade de atuação das minorias esquerdistas. Os nossos marxistas no poder leram Marx como o acadêmico francês Jean Dutord diz que Don Quixote lia "O Amadis da Galia"; acreditando que tudo é possível.

A História Ensina

A História não se repete, mas nela sempre encontramos ensinamentos preciosos. Acontecimentos houve que começaram de uma forma e acabaram totalmente descharacterizados. O golpe militar de 15 de novembro de 1889, dirigido inicialmente contra o gabinete liberal do Visconde de Ouro Preto, derribou a monarquia-parlamentar-constitucional. A vitória republicana foi obra de um pequeno e competente grupo de conspiradores cívis. O povo a tudo assistiu "bestificado". A república instalou-se tão precariamente que os seus líderes, temendo a reação monárquica, obrigaram o imperador a partir imediatamente para o exílio, embarcando-o na calada da noite, sem

maiores considerações. (A Marinha era tida como monárquica.) A "consolidação republicana" consistiu, em verdade, em deplorável surto de autoritarismo florianista. (Veja-se, a propósito, a excelente tese do sr. Antônio Luís Porto e Albuquerque: "O pensamento político dos líderes da Revolta da Armada", Universidade Gama Filho.) Os positivistas eram insignificante minoria que conseguiu impor-se. Naquele tempo o positivismo glorava na Escola Militar assim como, atualmente, o marxismo — ou certo esquematismo que se lhe assemelha — devasta as universidades civis.

Napoleão dizia que ante certas situações não devem as pessoas desesperar-se; o que lhes incumbe em momentos críticos, é deliberar. Mas não esqueçamos que a tábua-versão também pode ser tática política. O ex-edenista, ex-arenista, ex-pedestra e atual emedebista sr. José Sarney estaria em processo de metamorfosear-se em Floriano Peixoto civil?

As simulações, procrastinações e negaças em que o surpreendemos ultimamente — tão parecidas com as de Floriano — visariam permitir-lhe assumir o comando de um "governo forte", de substância populista, apoiado nas "massas", tal como o Marechal de Ferro escorou-se no Exército.

"Algo mais no ar"

A postura do governo diante do problema da dívida leva-nos a crer que, efetivamente, "há algo mais no ar, além dos aviões da carreira". O problema da dívida não tem as conotações apocalípticas com que o apresentam. Na hipótese de o País optar por um regime de liberdade não será necessário comprometer dois, três ou cinco por cento do PIB na liquidação da dívida. Quando houver contenção eficaz dos gastos supérfluos do Estado, no dia em que se conhecerem normas nítidas para a atuação da livre iniciativa, na hora em que o Brasil for aberto aos investimentos de capital de risco do exterior, o PIB crescerá o bastante para permitir a liquidação dos débitos sem sacrifícios coletivos. Os xitas de plantão — os que adoram o capital estrangeiro emprestado, por não terem a preocupação de pagá-lo — dirão que não podemos nos converter ao regime de economia de mercado devido a riscos de recessão generalizada que a conversão comportaria. A afirmativa é improcedente e mesmo tola. A recessão é o que estamos a sofrer hoje em dia, sob